



Judas Macabeu: de herói do *Velho Testamento* a herói da cavalaria medieval

Judes Macabeo: from hero of *Old Testament* to hero of medieval chivalry

Vinicius Cesar Dreger de Araujo¹

Resumo: A formação da cultura cavaleiresca entre os séculos XI e XIV criou uma galeria de tipos exemplares conhecida como os *Nove Bravos*. Neste artigo destacamos a importância de um deles, Judas Macabeu, para o desenvolvimento da cultura leiga e cavaleiresca, mesclando temas e tópicos em uma perspectiva de longa duração que aproxima o século II a.C. e a Idade Média Central.

Palavras-chave: Judas Macabeu; Cavalaria; Cultura.

Abstract: The formation of knightly culture between the XI and XIV centuries made a gallery of exemplar types known as *The Nine Worthies*. In this paper we highlight one of them, Judas Maccabeus, for the development of lay and chivalrous culture, mixing topics and themes in a broad perspective closing the gap between the II century BC and the Central Middle Ages.

Keywords: Judas Maccabeus; Chivalry; Culture.

Dedicado a Cristiane Braga.

O que mais um cavaleiro poderia pedir, do que Judas Macabeu, o guerreiro do Senhor, que alcançou a honra neste mundo e a salvação no próximo?
Geoffrey de Charny, cavaleiro francês, século XIV.

O declínio da autoridade régia nas monarquias carolíngias, já perceptível em fins do século IX, foi acompanhado pelo declínio dos principados e dos condados, e pela emancipação política, militar, administrativa e judiciária, mais ou menos profunda e rápida, conforme as regiões, de seus subordinados, os castelões cercados por seus *milites*, os cavaleiros.

¹ Doutorando em História pela USP. Orientador: Prof. Dr. Nachman Falbel. *E-mail:* viniciusdreger@yahoo.com.br

Durante o século X estes guerreiros montados passaram a se tornar figuras predominantes nos campos de batalha europeus. A princípio como guerreiros domésticos, quase como servos a cavalo, prestando serviço militar em vez de manual. Completamente dependentes de seus senhores nobres (descendentes das ilustres famílias que compuseram no continente a administração carolíngia), estes guerreiros recebiam roupas, moradia e sustento nas casas de seus senhores, assim como armas, equipamentos e cavalos, nada disso lhes pertencendo.

Mas, a fragilidade das instituições sociais e políticas, generalizada na Europa entre os séculos X e XI, acabou por possibilitar a ascensão social destes guerreiros, que acabaram por tornarem-se de certa forma autônomos (excetuando-se o caso dos *ministeriales* na Alemanha). Existe neste momento a formação de um laço simbiótico entre senhores e guerreiros: os cavaleiros dependem integralmente dos senhores enquanto estes dependem dos guerreiros para exercer seu poder sobre os camponeses, intimidando-os, extraindo os tributos e taxas feudais que alimentavam o sistema. Em torno do ano 1000, forma-se assim uma nova categoria social que cavalga: a dos cavaleiros, que aparecem com maior frequência nos textos da época, demonstrando a militarização da sociedade desse tempo.

Na maior parte da Europa os cavaleiros de certa forma conscientizaram-se de sua importância nesta sociedade, passando a obter melhores condições para o exercício de suas funções. Poder-se-ia dizer que isto foi fundamental para a formação dos laços feudais, passando os cavaleiros da condição de servos armados à de vassalos. É importante lembrar que os laços entre suseranos e vassalos envolvem negociações e não coerção, ou seja, são relações em que se considera que ambas as partes estão em condições igualitárias, buscando benefícios mútuos. Os suseranos recebem o trabalho militar dos vassalos e estes recebem em troca benefícios, comumente conhecidos como feudos, termo muito utilizado, mas poucas vezes na devida significação.

Ao contrário do senso comum, os feudos não eram necessariamente terras, cuja denominação mais adequada era, aliás, senhorios. Podiam ser senhorios, mas também direitos outros, como a cobrança de pedágios, a exploração de florestas etc. Ou também recompensas mais diretas, como numerário, peças preciosas, armas, armaduras, montarias, roupas e subsistência, por exemplo.

Desta forma inicia-se o processo de interpenetração entre cavalaria e nobreza que se completou por volta do início do século XIV com a nobilitação plena dos *ministeriales* alemães. Mas, já entre os séculos XII e XIII, praticamente inexisteriam diferenças entre ser nobre e ser cavaleiro.

As condições de vida destes cavaleiros eram originalmente rústicas e violentas, assim como seu comportamento. As sociedades européias, devido a suas condições de fragmentação política, não possuíam instituições que pudessem garantir condições de segurança, impedindo as disputas, normalmente causadas por razões patrimoniais ou linhagísticas, entre os senhores e seus grupos armados, que se atacavam uns aos outros, aos camponeses e às propriedades da Igreja.

A Igreja reagiu contra a desordem, num plano geral, com a instituição da chamada Reforma Gregoriana, que além de libertar a Igreja dos controles laicos, queria mesmo reformar a sociedade a fim de que todos - clérigos ou leigos - agissem e se comportassem em conformidade com seus princípios, para conduzi-los à salvação. O movimento da Paz de Deus, surgido no final do século X já ia nesse sentido. Foi resultado de iniciativas locais capitaneadas pelos bispos e abades, principalmente os das regiões do centro e do sul da França.

Fruto de um vácuo do poder monárquico e de sua incapacidade ou mesmo indiferença como mantenedores da ordem, este processo acabou levando os eclesiásticos a confiá-lo ao grupo social e profissional que deveria ser encarado apenas como executante das ordens emanadas dos reis e dos príncipes. “*A Igreja estava em contato direto com a profissão das armas, sem o rei como seu intermediário.*” (CONTAMINE, 1984:277).

Com a expansão do movimento, sua direção passou a ser adotada por diversas autoridades com amplitude cada vez maior até abarcarem a totalidade de reinos, como por exemplo, as *Landfreiden* dos imperadores germânicos durante o século XII.

Em meados do século XI este movimento foi complementado com a chamada Trégua de Deus, destinada a limitar a violência cavaleiresca no tempo e em intensidade, proibindo as ações guerreiras entre a noite de quarta-feira e a manhã de segunda-feira, nas grandes festas cristãs e na Quaresma.

Neste mesmo período surgiu no seio da Igreja a idéia de um desvio da agressividade destes cavaleiros, direcionando-a para fora das fronteiras da Cristandade: a Reconquista Ibérica, as cruzadas Levantinas e as expedições contra os eslavos pelos germânicos (o *Drang nach Osten*). Estes processos foram a princípio apoiados e depois encampados por grandes príncipes e monarcas.

Em termos culturais, o processo de ascensão sócio-política dos cavaleiros correspondeu a um processo que buscava a constituição uma cultura própria a

este grupo com seus valores, heróis e ideais, com o objetivo de moderar suas ações através da adoção de modelos de conduta, do complexo de valores e comportamentos sociais conhecido como Cortesia e as manifestações literárias dos Romances de Cavalaria, da Lírica Trovadoresca e do Amor Cortês.

Neste artigo buscamos analisar algumas implicações deste processo cultural, especificamente a formação de modelos de conduta para os cavaleiros, enfatizando os temas e problemas que podem ser extraídos do estudo de uma figura heróica singular: Judas Macabeu, personagem histórico do Velho Testamento, precisamente do século II a.C., considerado como um dos grandes heróis da Cavalaria medieval.

Objetivamos também entender as razões para a predileção medieval a este personagem, suas implicações e algumas de suas principais manifestações literárias entre os séculos IX e XIV, dentro de um processo de longa duração que nos levará a refletir sobre as formas como o Cristianismo expandiu-se entre os povos germânicos e certas peculiaridades do pensamento medieval.

Os Nove Bravos

Ao estudarmos as representações da Cavalaria medieval, encontramos nos campos da Literatura, Heráldica, Festividades e Artes (escultura, pintura, iluminura e tapeçaria) a presença uma galeria de heróis na literatura cavaleiresca entre os séculos XI e XIV conhecida como a *Galeria dos Nove Bravos*, verdadeiro panteão leigo da Cavalaria. Sua composição variou no correr dos séculos, mas alcançou sua forma final na obra *Voeux du Paon* (LOOMIS, 1967:32-35) composta para o príncipe-bispo de Liège Thibaud de Bar, por Jacques de Longuyon em 1312.

Sua popularidade estendeu-se pela Idade Média e Renascimento, sendo que suas representações podem ser encontradas pela Europa, da Escócia e Dinamarca à Suíça e Itália. Apenas nos extremos da Europa medieval, as penínsulas Ibérica e Escandinava, ela teve pouco impacto.

Este seletto grupo era composto por personagens históricos e literários cujas biografias, através da visão dos medievos, foram transformadas em comportamentos exemplares. Eram eles: Heitor de Tróia, Alexandre da Macedônia, Júlio César, Josué, Davi, Judas Macabeu, Arthur, Carlos Magno e Godofredo de Bouillon.²

² Em alguns casos acrescentou-se um décimo bravo, Robert Bruce, rei da Escócia ou Bertrand Du Guesclin, condestável de França durante a Guerra dos Cem Anos. Por amor à

Existe uma lógica simbólica para os agrupamentos entre estes heróis. Eles formam três tríades, cada uma representando um período histórico, sucedendo-se em uma seqüência evolutiva, conforme pensada na época, ou seja, pelo viés religioso; assim, temos três heróis da Lei Pagã (Heitor, Alexandre e César), três da Velha Lei (Josué, Davi e Judas Macabeu) e três da Nova Lei (Arthur, Carlos Magno e Godofredo).

Os heróis pagãos há muito eram conhecidos e admirados, posto que nunca houve uma destruição completa do conhecimento da Antigüidade. Assim, a *Iliada*, o *Romance de Alexandre* (do Pseudo-Calístenes) e as várias narrativas romanas sobre os feitos de César (como sua biografia entre os *Doze Césares* de Suetônio, por exemplo) estiveram razoavelmente acessíveis durante o decorrer do período medieval, especialmente durante os períodos dos Renascimentos Carolíngio e do século XII, como exemplificado nos ciclos épicos das chamadas Matéria de Tróia e Matéria de Roma.

Os heróis da Nova Lei, os cristãos, tiveram suas façanhas propagadas com as canções de gesta (séc. XI e XII) e os romances (séc. XII e XIII) dos ciclos Carolíngio e Arturiano. Já as façanhas de Bouillon, líder do exército cruzado que reconquistou Jerusalém aos muçulmanos, eram encontradas em crônicas e, principalmente, no *Roman du Cygne*.

A tríade intermediária, a dos heróis da Velha Lei, os judeus, obviamente era conhecida através do *Velho Testamento*, em especial os livros de Josué, Reis (I e II) e Macabeus (I e II).

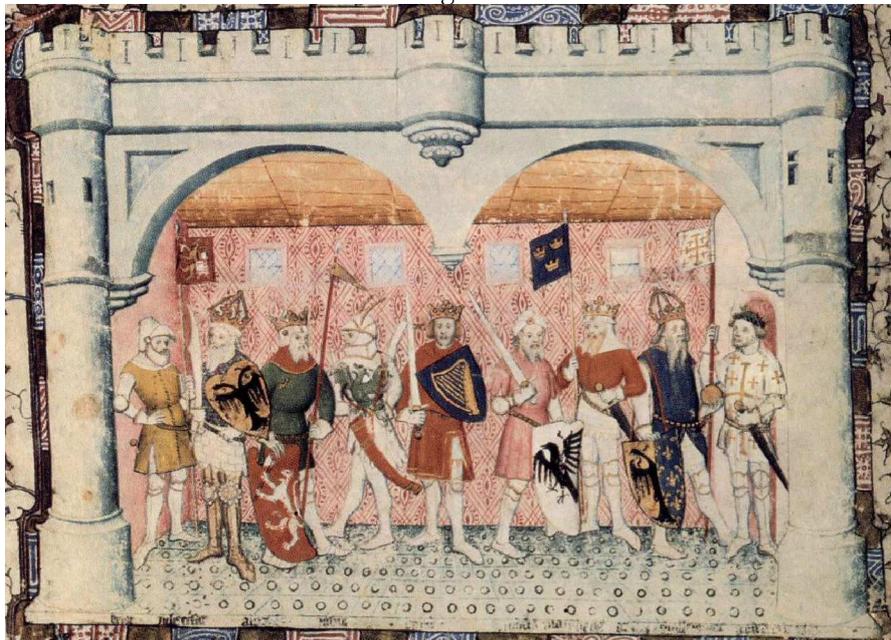
Em relação a estes heróis, Josué (ou Duque Josué, conforme o uso medieval) o líder que conquistou a Terra Prometida, destruindo com seu pequeno exército (quase que uma *mesnie*) os exércitos inimigos e suas fortificações (como o episódio de Jericó) foi considerado, a partir do século XI, como uma prefiguração dos primeiros cruzados que lutaram em desvantagem numérica constante em seus combates e em imensos cercos como em Antioquia e Jerusalém e finalmente conseguindo conquistar a Terra Santa.

Davi teve uma vida exemplar como guerreiro de Deus, ao menos até o episódio do triângulo amoroso com Urias e Betasbé, que lhe manchou a reputação e a vida, conforme o profeta Natan. Militarmente falando, Davi foi bem-sucedido, tendo conseguido expandir o reino de Israel em um momento de enfraquecimento dos grandes vizinhos, cumprindo assim um dos maiores deveres nobres: legar a seus descendentes um patrimônio maior do que aquele

simetria, também se desenvolveu uma Galeria das Nove Heroínas, mas esta não conseguiu nem a mesma coerência ou a mesma popularidade da galeria masculina.

que havia herdado. Tanto que após as conquistas davídicas sucedeu-se a era da *largesse* salomônica. Finalmente, o último destes heróis e foco deste trabalho, Judas Macabeu.

Imagem 1



A Galeria dos Nove Bravos: Heitor, Alexandre, César, Josué, Davi, Judas Macabeu, Arthur, Carlos Magno e Godofredo de Bouillon (KEEN, 1984: caderno de ilustrações).

“A gesta” de Judas Macabeu

O personagem histórico empreendeu uma bem-sucedida guerra de guerrilhas contra o Exército Selêucida, usando o elemento surpresa e seu conhecimento da geografia e topografia do país. A primeira batalha liderada por Judas Macabeu ocorreu em Lebonah em 166 a.C., quando com algumas centenas de guerreiros, derrotou o exército de três mil homens do governador provincial Apollonius em emboscadas nos passos montanhosos, onde os soldados sírios, galileus e samaritanos foram massacrados (FORTIER, 1988:59-61). Em 1 Mc. 3, 11-12:

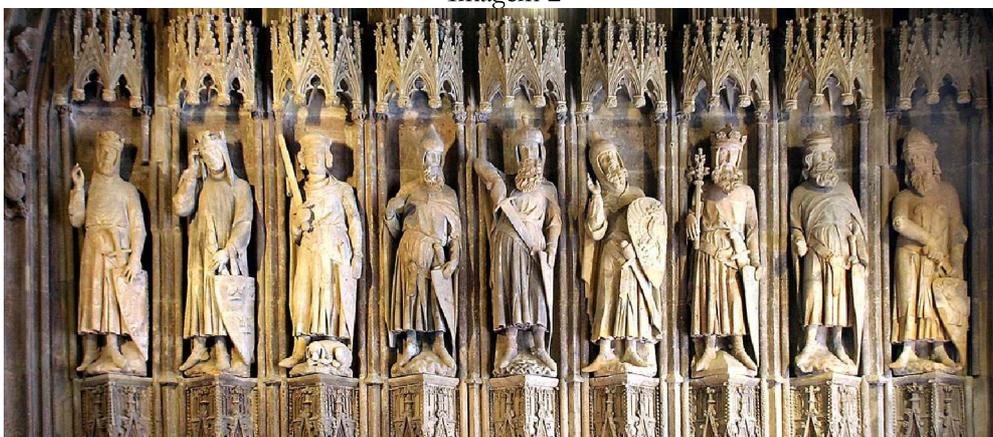
Soube-o Judas, saiu-lhe ao encontro, venceu-o e o matou; muitos caíram aos seus golpes e os restantes puseram-se em fuga. Apoderou-se dos espólios, tomou a espada de Apolônio, e desde então usava-a sempre nos combates.³

³ Eis um lugar-comum nas epopéias heróicas. Podemos citar como exemplo o episódio da *Chanson de Aspromont*, na qual o jovem Rolando se apresenta a Carlos Magno após vencer o gigante Ferrabrás e arrebatá-lo a famosa espada Durandal, que usou até a sua morte em Roncesvalles.

Após esta vitória, ocorreu um recrudescimento da rebelião, e mais voluntários juntaram-se aos Macabeus. Seu exército já contava com mil e duzentos homens, sendo que entre estes havia uma tropa especialmente zelosa chamada Companhia dos Fiéis que respondiam diretamente ao comando de Judas⁴ e venceram um segundo exército provincial comandado por um general chamado Seron, mais uma vez em uma emboscada num passo montanhoso entre as vilas de Beth-Horon (superior e inferior).

Após esta vitória: “(...) foi assim que se espalhou o terror de Judas e dos seus irmãos e todos os povos das vizinhanças encheram-se de consternação. Seu nome chegou aos ouvidos do rei, e todas as nações comentaram os feitos heróicos de Judas”. (1 Mc. 3, 25-26)

Imagem 2



A mais antiga representação dos Nove Bravos em escultura, na antiga prefeitura de Colônia, século XIV (http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Stuttgart_Psalter_fol23.jpg).

Na batalha de Emaús (Junho de 165 a.C.), na qual os três mil homens de Judas Macabeu aproveitaram-se das colinas que cercavam a cidade e o acampamento dos vinte mil selêucidas comandados por Nicanor, para atacá-los ao nascer do sol obtendo completa surpresa sobre o inimigo, devidamente batido em combate.

Nicanor havia sido informado a respeito da localização do acampamento do exército de Judas, mas este já havia movido suas forças em direção ao exército selêucida, que havia enviado o general Górgias com cinco mil infantes e mil cavaleiros (1 Mc. 4, 1-2) com a missão de surpreender os judeus. Ainda que os Macabeus tenham se defrontado com um exército dividido, tiveram que combater aproximadamente catorze mil homens, quase cinco vezes maior que

⁴ Desnecessário afirmar o quanto isso, assim como a cavalaria dos Companheiros de Alexandre e os guarda-costas gauleses e germanos de Júlio César, lembravam aos medievais as mesnadas de cavaleiros domésticos dos senhores e príncipes.

suas forças. Esta vitória foi crucial em sua rebelião, já que, depois dela, a confiança em sua luta aumentou tanto que seu exército cresceu a ponto de contar com dez mil homens (FORTIER, 1988:21).

Na primavera de 164 a.C., Lísias, o vice-rei de Antíoco IV comandou pessoalmente uma força de sessenta mil infantes e cinco mil cavaleiros contra os dez mil homens de Judas. Lísias não dividiu suas forças como Nicanor havia feito nem entrou em passagens vulneráveis a emboscadas como haviam feito Apolônio e Seron. Avançou pela Iduméia (hostil aos Judeus) e aos Macabeus restaram poucas opções de ataque, já que o relevo desta área é mais suave do que a sua base de operações normal.

Lísias acampou seu exército em uma planície próxima a Betsur (25 km ao sul de Jerusalém) e Judas dividiu seu exército em unidades de mil homens, sendo que ele utilizou algumas para atrair a vanguarda do exército selêucida a uma armadilha, na qual aproximadamente cinco mil sírios foram derrotados pela superioridade numérica momentânea dos judeus.

Lísias foi incapaz de socorrer sua vanguarda e, tendo subestimado a vontade de combater dos judeus, retirou-se firmando um acordo com Judas, no qual os judeus que depusessem as armas e retornassem a seus lares poderiam viver segundo suas leis religiosas. Judas retirou-se para que o tratado entrasse em vigor e para que o exército de Lísias retornasse a Antioquia.

Quando isso ocorreu, Judas voltou-se contra a guarnição selêucida de Jerusalém e o sumo-sacerdote helenizante Menelau, alojados na fortaleza de Acra. No outono de 164 a.C., Judas avançou contra Jerusalém, cujas muralhas e parte da cidade haviam sido arrasadas em 168 a.C. quando Apolônio havia ocupado e saqueado a cidade, para impor os decretos religiosos de Antíoco IV.

Os Macabeus ocuparam a cidade e cercaram os selêucidas em Acra e Judas liderou um grupo de sacerdotes ao Templo, que encontraram em condições deploráveis. Os soldados não envolvidos no cerco foram encarregados de limpá-lo e repará-lo para a restauração do Judaísmo em Jerusalém em uma celebração que durou oito dias. Judas Macabeu decretou que a rededicação do Templo deveria ser observada anualmente como um alegre feriado, o Chanuká, a primeira festividade judaica não instituída pelas Escrituras.

Após estes feitos Judas aceitou tanto a liderança espiritual quanto a temporal sobre a Judéia e seu exército ampliou-se para vinte e dois mil homens, incluindo unidades de cavalaria e infantes treinados de acordo com os padrões do exército selêucida. É provável que muitos destes soldados profissionais

tenham sido voluntários judeus advindos do Egito e da Frígia, tendo sido soldados no exército Ptolomaico do Egito ou mesmo no próprio exército selêucida. Suas forças agora eram numericamente comparáveis às forças que Antíoco podia lançar-lhes.

As comunidades judaicas nas províncias vizinhas à Judéia passavam por tempos difíceis sendo oprimidas e perseguidas. Judas Macabeu e seus irmãos lideraram destacamentos militares para acudir e resgatar muitas destas comunidades em rápidos reides, principalmente na Iduméia e em Gilead. Estas ações elevaram ainda mais o prestígio dos Macabeus e o perigo por eles representado ao governo em Antioquia.

Com a morte de Antíoco IV em 163 a.C., a regência do jovem (onze anos de idade) Antíoco V Eupator foi disputada pelos generais Felipe e Lísias. Felipe havia sido nomeado pelo falecido rei, mas Lísias possuía tanto o jovem rei quanto Antioquia.

Para melhorar sua posição nesta disputa, Lísias resolveu retomar a ofensiva contra os Macabeus, reunindo um exército de cinqüenta e cinco mil homens, entre infantes leves, pesados e cavalaria, além de oito elefantes de guerra (cujo uso pelos Selêucidas havia sido proibido pelo Tratado de Magnésia, firmado com Roma em 190 a.C.) e equipamentos de assédio.

Em uma batalha campal em Betzacara, Judas Macabeu sofreu sua primeira derrota e perdeu seu irmão, Eleazar que pisoteado por um dos elefantes após ter ferido mortalmente o animal, abrindo-lhe o abdome a golpe de espada.

Judas e o que sobrou de seu exército retiraram-se para Jerusalém, onde sofreram assédio na região fortificada do Templo. Para sua sorte, Felipe havia ocupado Antioquia e isso fez com que Lísias abandonasse o cerco e para lá retornasse após concluir um generoso tratado de paz, que garantiu a liberdade de culto aos judeus, além de conceder aos rebeldes uma anistia ampla e irrestrita em troca do reconhecimento de Antíoco V como rei e dele, Lísias, como regente.

Assim, após ter formalmente alcançado seus objetivos, a revolta concluiu-se, mas seu caráter havia começado a modificar-se para uma luta em busca da independência frente aos reis de Antioquia. Porém, o zelo religioso que inflamava seu exército havia cedido e este se desfez. Judas e seus colaboradores mais próximos retiraram-se para as montanhas de Gophna.

Antíoco V e Lísias foram executados em um golpe dado por Demétrio I Soter, primo do rei. Demétrio nomeou um outro Nicanor para destruir os

Macabeus e integrar a Judéia definitivamente aos seus domínios. Porém, novamente Judas Macabeu e seu pequeno exército frustraram os selêucidas em combate.

Em 160 a.C. Judas conseguiu um triunfo diplomático na forma de um tratado com Roma que reconheceu a Judéia como região independente, mas Demétrio enviou o general-governador Bacchides com um poderoso exército mais uma vez para derrotar os Macabeus, e, na batalha de Elasa, os selêucidas finalmente derrotaram os judeus e neste combate morreu Judas Macabeu, o Leão da Judéia, cujo corpo foi sepultado em sua aldeia natal de Modin, na Galiléia (UNTERMAN, 1992:139).

Mas a luta continuou e, liderados por Jônatas, os Macabeus sobreviventes (João e Simão) prosseguiram: ele se aproveitou de disputas internas pelo trono de Antioquia para conquistar sucessivamente as posições de sumo-sacerdote, governador provincial e general do exército selêucida, sendo assassinado em 143 a.C. Mas seus títulos e poder foram assumidos por Simão, o último sobrevivente dos irmãos Macabeus, que alcançou a independência da Judéia em 142 a.C.

Judas Macabeu e a cavalaria medieval

Para o perfeito modelo de Cavalaria poder-se-ia olhar para Judas Macabeu, o herói judaico do Velho Testamento, que era *preux e hardi*, belo, porém humilde, sempre honrado, um grande guerreiro que morreu armado pelas causas de Deus (KEEN, 1984:14).

Judas, “o Martelador”, possuía uma fama toda especial que unia em admiração Cristãos e Judeus, posto que era considerado como o defensor da Fé no Deus Único e lutador incansável pela liberdade da Terra Santa frente à tirania dos Selêucidas e, com certeza, considerado como um antecessor dos Cruzados dos séculos XII e XIII, que lutavam defensivamente contra um inimigo obstinado e numeroso que progressivamente diminuía os territórios do *Outremer* cristão.

Foi muito fácil associar, na analógica mentalidade medieval, as lutas dos Macabeus em defesa do Judaísmo e da Terra Santa aos esforços contemporâneos em defesa da Cristandade e dos domínios latinos no Oriente, tornando assim Judas Macabeu em um herói muito popular entre os cavaleiros europeus.

Como medida desta analogia, John de Salisbury, ao escrever seu *Policraticus* em 1159, “observou que a ordem religiosa militar dos Templários estava praticamente só em travar guerras legítimas: seguindo o exemplo dos

Macabeus eles deram suas vidas no campo de batalha em nome de outros cristãos, na defesa da Cristandade” (NICHOLSON, 2004: 27).

Mas esta popularidade era ainda mais importante por outro motivo: Judas Macabeu era um exemplo perfeito do nobre guerreiro que se ergue contra os desmandos de inimigos poderosos, injustos, ímpios e, em última instância, tirânicos, ou seja, ilegítimos (conforme pregado desde a Contenda das Investiduras no século XI e intelectualmente elaborado pelo já citado John de Salisbury, por exemplo).

Suas ações podiam ser caracterizadas como exemplares segundo a lógica presente na Doutrina da Guerra Justa, que possuía origens clássicas e elaborações patrísticas (em especial a contribuição de Agostinho e a formulação de Isidoro de Sevilha), porém sendo reconhecida, expandida e codificada justamente durante este período histórico (séculos XI ao XIII) alcançando sua formulação definitiva com São Tomás de Aquino: justa é a guerra travada com caráter defensivo ou vindicatório, com intenção correta e convocada por uma autoridade legítima.

Assim foi a causa dos Macabeus: a defesa da Fé combinada à expulsão de um invasor opressor e tirânico, com a intenção de restaurar nas terras de Deus o monoteísmo judaico e reconsagrar o Templo.

A revolta judaica foi iniciada e, a princípio, liderada, por Matatias (pai de Judas Macabeu), um sacerdote que se afastou para não compactuar com as ordens de Antíoco IV Epifânio que aboliam o culto a Yahweh e substituí-lo pelos cultos helenísticos. Matatias era um dos únicos sacerdotes legítimos, já que não havia apostasiado. Ademais, com a ausência de um rei da casa de Davi, a autoridade legítima entre os judeus estava com os sacerdotes.

Para o pensamento medieval e, especificamente feudal, o ato de Matatias poderia passar por felonía, já que o direito de conquista, garantido por Alexandre Magno, cento e trinta sete anos antes, havia dado legitimidade aos Selúcidas. Porém, ao agir como tirano Antíoco IV rompeu o pacto com seus súditos judeus, perdendo legitimidade e garantindo assim a correção da revolta judaica.

Ao soberano tirânico não se deve obediência, como os canonistas e os teóricos políticos medievais expuseram em diversas oportunidades, como, por exemplo, durante a vigência das excomunhões impostas a Henrique IV e durante a revolta baronial inglesa contra João sem Terra em 1215. Logo, a revolta dos Macabeus, ou Hasmoneus como viriam a ser conhecidos (SIMON & BENOIT, 1989:52-53), era legítima de acordo com a visão medieval.

Esta visão pode ser constatada nas chamadas gestas de revolta, onde as proezas guerreiras “ocorrem em uma cristandade dividida, onde se dilaceram as linhagens aristocráticas, cada uma delas arrastando vassalos e aliados para suas querelas. A epopéia, então, coloca em cena os conflitos morais que resultam disso: quais são os limites da autoridade sobre seu vassalo? Até onde um cavaleiro deve levar o devotamento de vassalagem se seu senhor se comporta como um tirano odioso e sanguinário?” (FLORI, 2005: 161).

Mas isso ainda não explica especificamente como Judas Macabeu e outros heróis bíblicos acabaram por se fazer tão presentes neste momento histórico. Devemos observar que isso foi fruto de tempos mais antigos, os da cristianização dos germânicos (oficialmente completada entre os séculos IX e X).

A militarização do cristianismo

A popularidade de Judas Macabeu e de outros heróis bíblicos era muito antiga, estando relacionada à forma como ocorreu a cristianização tanto do Império Romano quanto dos povos germânicos. Para incentivar a conversão destas populações ao Cristianismo foram necessárias algumas medidas: em primeiro lugar, foi necessário mitigar o pacifismo exaltado do Novo Testamento para atrair os romanos, especialmente a partir do século IV.

Os traços de pacifismo presentes nas obras de Tertuliano, Orígenes e Lactâncio foram abandonados e passou-se a enfatizar no Novo Testamento passagens em que a profissão das armas aparecia como normal e legítima.

Nestas podiam ser incluídas as exortações de João Batista de que os soldados não maltratassem ninguém, que não denunciassem falsamente e se contentassem com sua paga (Lc 3:14), a passagem na qual Cristo louva a fé do Centurião (Mt 8: 5-13 e Lc 7: 1-10) e as passagens relativas ao Centurião Cornelius nos *Atos dos Apóstolos* (10: 1) e na *Epístola aos Hebreus* (10: 32-34).

Em um segundo momento, foi necessário militarizar e adequar o Cristianismo (RUSSELL, 1994) à estrutura sócio-política germânica e adotar como modelos de conduta diversos personagens do Antigo Testamento, já que não podemos esquecer que não existiam verdadeiros heróis guerreiros no Novo Testamento.

Aliás, mais do que isso: neste momento do desenvolvimento cristão, a própria concepção de Deus era veterotestamentária, em especial, o Senhor Deus dos Exércitos, muito presente em Isaías, apresentando passagens como: “Por isso eis o que diz o Senhor, Deus dos Exércitos, o poderoso de Israel: “Ah! Eu

tirarei satisfação de meus adversários, e me vingarei de meus inimigos.” [Is, 1:24] e “Santo, santo, santo é o Senhor Deus dos Exércitos.” [Is, 6:3], ou seja, a versão mais belicosa de Deus.

Uma religião essencialmente voltada ao amor e ao perdão não exercia um grande atrativo a povos belicosos como os germânicos, assim, os catequizadores tiveram que utilizar o Velho Testamento para atraí-los à nova religião e militarizar ao máximo o Novo Testamento.

Os líderes do Velho Testamento foram constantemente mantidos como exemplos aos guerreiros cristãos por um longo tempo – desde antes da cunhagem da própria palavra Cavalaria de fato. Os primeiros ritos para a bênção dos estandartes das espadas dos guerreiros invocavam os exemplos de Abraão e Gideão, Davi e Judas Macabeu.

Então não é surpresa, por exemplo, encontrarmos Carlos Magno na crônica do Pseudo-Turpin lamentando Rolando como um par em proezas de Judas Macabeu, e doando doze mil onças de ouro e outras tantas de prata para o repouso das almas daqueles mortos em Roncesvalles e em memória dos Macabeus (KEEN, 1984:119).

Outra evidência deste processo é a existência de uma versão dos Evangelhos produzida na Saxônia no século IX denominada *Heliand* (Salvador), um longo poema aliterativo com mais de seis mil versos que descrevia Cristo como um chefe guerreiro e os apóstolos como seu bando de guerreiros dependentes, ligados através do *comitatus* e enfatizava a nobreza da linhagem de Jesus chamando-o de Protetor do Povo.

Os pastores que cuidavam das ovelhas tornaram-se guardas vigiando seus cavalos, Belém tornou-se Bethlehemaburg (Fortaleza de Belém), entre outras modificações que indicam o interesse em adaptar os eventos da vida de Jesus ao horizonte de eventos do modo de vida dos saxões para que os Evangelhos lhes fossem compreensíveis e aceitáveis (GIBBS & JOHNSON, 2000: 39-40).

Aqui as narrativas bíblicas foram traduzidas diretamente para a linguagem dos épicos seculares e as virtudes religiosas e heróicas eram assimiladas umas às outras. Até o Pai Nosso aqui apresentado possui um caráter diferenciado:

Pai de todos nós, filhos dos homens,
Estás no poderoso reino celeste,
Bendito seja teu nome em cada palavra.
Que venha o teu poderoso reino.
Seja feita a sua vontade em todo o mundo – assim na terra como no alto em
seu poderoso reino celeste.
Dê-nos sustento a cada dia, bom senhor,
Sua santa ajuda e perdoe-nos, Protetor do Paraíso,

De nossos muitos crimes, como nós perdoamos a outros homens.
Não deixe que as pequenas criaturas malignas nos levem a fazer sua vontade,
como merecemos,
Mas ajude-nos contra todos os feitos maléficos.
(MURPHY, 1992: vv. 1600-1612).

Imagem 3



O Cristo Vencedor (Saltério de Stuttgart, fólio 23, ilustração para o Salmo 91: 13).
(http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Neun_gute_helden_rathaus_koeln.jpg).

Como mais uma evidência deste processo de adaptação do Cristianismo ao mundo germânico, podemos apresentar a imagem abaixo, uma iluminura produzida para decorar um Saltério do mesmo período, mostrando um Cristo guerreiro, conquistador, levando em suas mãos a lança e a Lei atacando e dominado os maus e os orgulhosos.

Para entendermos devidamente os valores dos cavaleiros da era das Cruzadas, devemos, em última instância, retornar nossos olhares para esta interpenetração das tradições bíblicas e heróicas no período das conversões dos povos germânicos. Considerando este processo histórico de adaptações e analogias entre personagens, culturas e contextos religiosos, começamos a entender em maior profundidade a presença de Judas Macabeu nesta seleta lista de heróis da Cavalaria cristã e podemos agora analisar algumas de suas manifestações na literatura medieval.

Judas Macabeu e a literatura medieval

As relações entre os textos medievais e os textos bíblicos foram longas e frutíferas. Algumas das primeiras obras literárias medievais foram versões e traduções de textos bíblicos, como o já citado *Heliand*, o *Genesis* Anglo-saxão e o *Liber Evangeliorum* (*Evangelienbuch*), por exemplo, além de fornecer temas e modelos para a literatura leiga. O corpus textual bíblico é riquíssimo e foi

refinado durante séculos, tendo alcançado altos pontos em prosa e poesia, como os Salmos, por exemplo.

Os Livros dos Macabeus possuem origem tardia (entre os séculos II e I a.C.), por isso são considerados apócrifos para os Judeus, mas canônicos para o Cristianismo Romano e, graças à sua temática guerreira, tiveram grande influência no processo de cristianização dos germânicos e na formação de suas literaturas.

Uma das obras iniciais da literatura épica medieval, o *Beowulf*, apresenta em sua estrutura elementos que indicam a influência de diversos textos e passagens bíblicas. “Por exemplo, temos as figuras de Davi contra Golias, onde poderíamos fazer uma analogia com Beowulf contra Grendel. Outros paralelos também são com Sansão, Moisés (como ele é apresentado no Êxodo do *Codex Junius 11*; poema em inglês antigo recontando o texto bíblico) e Judas Macabeu contra Nicanor (1Mc 7, 47 e principalmente 2Mc 15, 30-5).

Além disso, no texto bíblico podemos relacionar com o poema a idéia da vitória concedida por Deus àqueles que são merecedores (como Beowulf lutando desarmado contra Grendel e sua mãe): 2Mc 15, 21; 1Sm 17, 47” (MEDEIROS, 2006: 110).

Durante o período Carolíngio existem diversas referências, como a da já mencionada Crônica do Pseudo-Turpin e outras. Um dos grandes heróis deste período foi o avô de Carlos Magno, chamado de Carlos Martel, vencedor dos infiéis em defesa da Cristandade, da mesma forma que Judas Macabeu. Creio que seria possível que o apelido dado ao prefeito de palácio dos reis Merovíngios tenha sido inspirado no do personagem bíblico.

No século X o abade Rábano Mauro compôs um tratado militar no qual combinava passagens do *De Re Militari* de Flávio Renato Vegécio (séc. V) com passagens bíblicas e trechos de crônicas carolíngias, entre outras fontes. Muitas de suas referências bíblicas eram passagens dos livros dos Macabeus, que em seu conjunto, poderiam ser considerados como manuais militares ensinando táticas de combate, em que uma força numericamente inferior, utilizando-se de estratagemas, guerrilha e outras formas de combate não convencional, poderia vencer inimigos possuidores de forças superiores, além de ensinar como motivar as tropas em batalha. Mas encontramos uma quantidade maior de evidências a partir do século XII, tanto na literatura leiga quanto na religiosa.

Entre os séculos XII e XIII circulavam as traduções de alguns livros bíblicos e entre os primeiros encontravam-se, significativamente os dos Juízes, os dos

Reis e os dos Macabeus. “Claramente a tradução das Escrituras para as línguas vernáculas era considerada relevante – entre outras coisas – para a instrução da cavalaria, e desde o início. De fato, as histórias do Velho Testamento tiveram relevância específica e particular para este fim, especialmente no contexto cruzadístico.

As histórias da conquista da Terra Santa por Josué e de sua defesa por Davi e Judas Macabeu eram um claro precedente para as mentes dos cavaleiros dos séculos XII e XIII, dos contemporâneos das Cruzadas, e ajudaram a definir as Cruzadas como a mais alta expressão das atividades cavaleirescas” (KEEN, 1984: 120-121).

A referência aos Macabeus é uma constante na literatura cruzadística, sendo que os primeiros cruzados consideravam-se como novos Macabeus (TYERMAN, 1998:18). Deste contexto surgiram as novas ordens monástico-militares como a dos Templários, a dos Hospitalários e a dos Teutônicos, a nova milícia, como definida por São Bernardo. Os cavaleiros de todas as ordens militares identificavam-se totalmente com essa família de guerreiros do Antigo Testamento: o pai Matatias, Judas Macabeu e seus quatro irmãos, libertadores da Terra Santa frente aos Selêucidas. As comparações desse gênero nas crônicas da época são inúmeras: 150 referências apenas na *Crônica* de Henrique da Livônia.

O cronista Pedro de Duisburg fez dos Macabeus o modelo central da ideologia da guerra missionária na Prússia. “Os cavaleiros Teutônicos recorriam ao Antigo Testamento para justificar seu combate: o prólogo da regra referia-se a Abraão e às guerras sagradas, depois a Moisés, Davi e, finalmente, aos Macabeus” (DEMURGER, 2002: 164). Quanto à ordem do Hospital, ela não fez por menos: remontou sua origem à época dos Macabeus.

Entre 1100 e 1150 surgiram as gestas do Ciclo de Guilherme de Orange (subproduto do Ciclo Carolíngio, mesclado às lutas na Península Ibérica), as do Ciclo de Alexandre e do Ciclo Latino. Por volta de 1150 surgem o *Roman de Troie*, o *Roman de Thèbes* e o *Roman de Brut* (uma adaptação poética da *Historia regum Britanniae* de Geoffrey de Monmouth). Os primeiros romances arturianos, elaborados por Chrétien de Troyes datam do período entre 1162 e 1182, inaugurando propriamente este novo ciclo, cuja popularidade só cresceu durante os séculos seguintes assim como o número de obras a ele relacionado.

No ciclo de romances focados em Lancelot, Galahad e o Graal (coletivamente conhecidos como o ciclo da *Vulgata*, século XIII), encontra-se a seguinte passagem: Lancelot perguntou à Senhora do Lago se já existiu algum cavaleiro que possuísse todas as virtudes cavaleirescas que ela lhe havia ensinado. “Sim” ela respondeu “e de antes que Cristo tivesse sofrido. No tempo quando o

povo de Israel servia fielmente a Deus e lutou contra os Filisteus e outros infiéis para manter e expandir a Sua lei e foram muitos: e dentre eles estavam João Hircano e Judas Macabeu o bom cavaleiro... e também seus irmãos e o rei Davi e outros pelos quais passarei no devido momento.”(KEEN, 1984:119-120).

Além da função de entretenimento, estes romances possuíam um caráter pedagógico-moralizante, já que estavam imbuídos com os novos valores comportamentais associados à Cortesia, demonstrando como os cavaleiros deveriam portar-se na corte, mas também na vida militar, já que nos episódios bélicos abundavam os torneios (inovação popularizada a partir da década de 1120) e o método de combate específico aos cavaleiros: a carga em massa com a lança sob a axila direita que, conjugada ao galope do cavalo, causava um golpe de impacto arrasador sobre o oponente, mas que para funcionar devidamente, necessitava de coesão grupal e disciplina, mais do que valor pessoal.

Como apontado pelo professor Verbruggen, a respeito deste caráter pedagógico-moralizante, encontramos a seguinte passagem: “Fontes medievais freqüentemente nos informam que forças numericamente inferiores foram bem-sucedidas em derrotar inimigos muito superiores, principalmente com a ajuda de Deus, ou de um santo padroeiro. A intervenção de Deus ou de um santo foi freqüentemente mencionada nas cruzadas e o exemplo dos numericamente inferiores Macabeus foi repetidamente citado” (VERBRUGGEN, 1998:05).

É certo que as virtudes marciais tradicionais como a força e a coragem possuíam seu lugar nestas obras, porém, a coragem do indivíduo era medida por seu comprometimento com a carga do grupo e o seu comportamento em batalha definiria a sua honra e a de sua família, sendo que uma demonstração de medo ou covardia poderia manchar o nome de uma linhagem durante décadas.

Assim, encontramos estes textos associados à formação e estabelecimento da cultura e da ideologia cavaleirescas, que acabaram por formar o espírito de corpo e o ideário do próprio grupo social da Nobreza européia.

Mas a visão eclesiástica não andou a par com a visão cavaleiresca: ainda no século XIII encontramos o texto dedicado aos Macabeus na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze:

Os Macabeus foram sete irmãos que, junto com sua reverenda mãe e com o sacerdote Eleazar, não quiseram comer carne de porco para respeitar a lei, e sofreram por isso suplícios inauditos como é contado em Macabeus II. É

preciso notar que a Igreja oriental celebra festas de santos dos dois Testamentos, enquanto a Igreja ocidental não festeja santos do Antigo Testamento, pois estes desceram aos Infernos. As exceções são os Inocentes – porque em cada um deles Cristo foi morto – e os Macabeus. Há quatro razões pelas quais a Igreja os festeja, embora tenham descido aos Infernos.

A primeira é que foram os únicos santos do Antigo Testamento a terem tido o privilégio do martírio, o que merece ser celebrado. Esta razão é dada pela *Historia scholastica* (de Pedro Comestor).

A segunda razão está no simbolismo do número sete, número da totalidade. Ou seja, os Macabeus representam todos os pais do Antigo Testamento dignos de celebração. De fato, ainda que a Igreja não celebre festas para eles por terem descido ao Limbo e por terem sido substituídos por uma multidão de novos santos, por meio destes sete ela mostra reverência por todos os outros, já que, como foi dito, sete designa a totalidade.

A terceira razão é oferecerem um exemplo aos cristãos para sofrerem pela lei do Evangelho, da mesma forma que eles, pela constância e zelo, que animavam sua fé, combateram vigorosamente pela lei de Moisés. A quarta razão é o suplício deles, que na defesa de sua lei sofreram tormentos semelhantes àqueles que os cristãos sofreram pela defesa da lei evangélica (VARAZZE, 2003: 600-601).

Ora, os “Macabeus” aqui mencionados não são os cinco filhos de Matatias anteriormente mencionados. A passagem citada pelo autor encontra-se em 2 Mc. 7, 1- 42, e estes jovens não nomeados receberam o epíteto de Macabeus apenas porque a narrativa de seu martírio estava contida no livro de mesmo nome, não guardando nenhuma outra relação com os líderes da revolta contra Antíoco IV. Mas, como são proto-mártires, seu lugar na *Legenda Áurea*, estava garantido.

Finalmente, encontramos menção a Judas Macabeu na *Divina Comédia* de Dante, especificamente no Paraíso, Canto XVIII, que explora as almas presentes no quinto Céu – o Céu de Marte – as dos que morreram combatendo pela Fé: “Vi então, na cruz, luzir o espírito de Josué, mal acabara de ser o seu nome pronunciado. Isso de modo tal, que nem sei dizer se primeiro vi ou ouvi. Dito que fora o nome do grande Macabeu, outro espírito surgiu a girar qual pião, impelido pela mais intensa alegria.

Tal fez Carlos Magno, o mesmo fez Orlando (Rolando). Atento fui seguindo os movimentos seus, quais falcoeiros a seguir, no céu, da sua ave as evoluções. Surgiram depois aos meus olhos, que fitavam sempre a cruz, Guilherme (de Orange), Renoardo (seu sobrinho), o Duque Godofredo (de Bouillon) e Roberto Guiscardo” (ALIGHIERI, 2002:363).

Nesta passagem Dante eternizou a síntese a da Cavalaria cristã, tendo acondicionado no Paraíso um nicho específico para aqueles que tombaram em combate por Deus, acomodando assim aqueles que viveram pelos valores cruzadísticos e cavaleirescos, mesmo que estes tenham morrido antes do Advento de Cristo e ido aos Infernos, de onde foram resgatados pelo Cristo.

A Cavalaria funcionava assim como um caminho para a Salvação, caso exercida nas devidas prescrições, não apenas para a *Nova militiae* pregada por São Bernardo em relação ao surgimento das Ordens monástico-militares, mas também para a Cavalaria leiga. Os feitos de armas realizados de modo moralmente correto podiam, de certa forma, equivaler a uma vida de dedicação monástica.

Poder-se-ia dizer que esta concepção demonstrada por Dante foi o apogeu dos valores cavaleirescos que buscavam, de certa forma, refrear o comportamento violento destes guerreiros, no processo iniciado no século XII.

Conclusão

Para podermos compreender melhor as razões pelas quais Judas Macabeu se tornou um herói da Cavalaria Medieval, tivemos que considerar os feitos deste homem, o contexto histórico amplo que envolveu as condições pelas quais o Cristianismo conseguiu atrair os povos germânicos, o surgimento da Cavalaria, a formação de seus valores, cultura específica, literatura e modelos de comportamento.

Mas, para podermos concluir nosso breve estudo, devemos considerar as características da forma do pensamento medieval. Nele existiam elementos que favoreciam a criação destas relações paralelas e a busca de situações aparentemente equivalentes entre o presente e seu passado, construindo analogias, buscando relacionar a aparência do fato à sua essência.

O presente e o passado confundiam-se em um todo quase indistinguível. A diferença entre as épocas apoiava-se num fato único, determinante, em comparação com o qual nada mais existia: o nascimento de Cristo. Mas, para a Idade Média, as épocas do Antigo e do Novo Testamento não se situavam numa simples sucessão temporal.

Havia simetria entre a história antes e a história depois da encarnação de Cristo. a cada acontecimento e figura do antigo testamento correspondia um equivalente na época do novo testamento. existia entre eles uma relação simbólica intrinsecamente sacramental, repleta do mais profundo significado.

É sobre este mesmo princípio de correlação entre o antigo e o novo testamento que se fundam as teorias desses historiadores que tentaram encontrar um significado simbólico para a história terrestre. a história bíblica do templo de jerusalém era posta em paralelo com a história da igreja, “corpo místico de cristo”. à destruição do templo, fazia-se corresponder às perseguições aos mártires cristãos. paralelos semelhantes eram utilizados no que dizia respeito à história contemporânea: a luta entre o imperador henrique iv e o papa gregório vii correspondia à luta de judas macabeu contra o rei antíoco” (Gurevitch, 1990: 155-156).

De fato, a respeito das representações medievais de Judas Macabeu, podemos entrever o funcionamento do conceito de figura, conforme pensado por Erich Auerbach: a representação concreta de algo que vai se realizar no futuro; é algo real e histórico que anuncia outra coisa que também é histórica e real. Assim, torna-se clara a interpretação de que “(...) as pessoas e acontecimentos do Velho Testamento eram prefigurações do Novo Testamento e de sua história de redenção” (AUERBACH, 1997: 28).

Desta forma um acontecimento terreno é elucidado pelo outro; o primeiro significa o segundo e o segundo realiza o primeiro: “A relação entre os dois eventos é revelada por um acordo ou similaridade” (AUERBACH, 1997:27).

Os dois acontecimentos se relacionam como figura e preenchimento, sendo que o último é designado como *veritas* e a figura, por sua vez como *umbra* ou *imago*. “Mas tanto sombra quanto verdade são abstratas apenas em referência ao significado, a princípio ocultado para ser revelado em seguida; são concretas em referência às coisas ou pessoas que aparecem como veículos do significado” (AUERBACH, 1997: 31).

Aparentemente a situação militar na Terra Santa nos diferentes momentos relacionados pela tríade bíblica dos Nove Bravos poderia ser relacionada com a das Cruzadas entre os séculos XI e XIII: conquista, expansão, resistência, sendo uma das situações que gerariam *imago* e preenchimento. Além disso, a situação dos vassalos frente aos suseranos abusivos e os valores da Doutrina da Guerra Justa todos poderiam ser relacionados diretamente a Judas Macabeu, sua revolta e sua família.

Logo, a analogia entre passado e presente ficava clara, permitindo que os cavaleiros cristãos da Idade Média Central pudessem espelhar-se e modelar seu comportamento neste herói judeu. Sob a inspiração de Judas Macabeu e seus irmãos, os Templários, por exemplo, entregavam-se às batalhas com abandono e temeridade, confiando no apoio do Senhor e sem recear a morte que se aproximava. Os cronistas freqüentemente citavam a famosa passagem

bíblica: “A vitória no combate não se deve à importância do exército, mas à força que vem do Céu”. (I Mc. 3, 18-19).

Ele morreu, enfim, como herói e mártir, dando sua vida para o triunfo da fé no Deus único. Eis o sentido da frase de Geoffroy de Charny utilizada como epígrafe deste texto - Judas Macabeu alcançou os objetivos terrestres e espirituais de todos os cavaleiros: glória, honra e renome nesta vida e a Salvação no próximo.

Existem no tema dos Macabeus dois aspectos estreitamente ligados: o do guerreiro pronto a sofrer o martírio para servir à causa de Deus; e a idéia segundo a qual para obter a vitória, era preciso entregar-se inteiramente a Deus e não contar apenas com suas próprias forças. Um pequeno número pode bater grandes exércitos se tiver confiança em Deus. Judas Macabeu tornou-se assim o modelo do cruzado e da nova cavalaria das ordens militares (DEMURGER, 2002: 164).

Assim, a Cavalaria, além de ser uma forma de controlar os impulsos e comportamentos dos cavaleiros, se tornou um dos caminhos para a Salvação: aquele que toma as armas com o justo propósito de salvar sua alma, lutar as causas de seu senhor, ou na defesa dos fracos, ou para salvar sua honra e herança, ou contra o infiel. E a Judas Macabeu, espécie de cavaleiro perfeito, foi quem se poderia conceder o mesmo epítáfio dado a Bayart, o grande cavaleiro francês do século XVI: *Chevalier sans Peur et sans Reproche*.

Bibliografia

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*, São Paulo: Nova Cultural, 2002.
- AUERBACH, Erich. *Figura*, São Paulo: Ática, 1997.
- Bíblia Sagrada – Edição Pastoral/Catequética*. São Paulo: Ed. Ave Maria, 2004.
- CONTAMINE, Phillipe. *War in the Middle Ages*, Oxford: Oxford UP, 1984.
- DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo: Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria – A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*, São Paulo: Madras, 2005.
- FORTIER, E. H. *Judas Maccabeus*, New York: Chelsea House, 1988.
- GIBBS, Marion E. & JOHNSON, Sidney M.; *Medieval German Literature: A Companion*, Londres: Routledge, 2000.
- GUREVITCH, Aaron. *As Categorias da Cultura Medieval*, Lisboa: Caminho, 1990.
- KEEN, Maurice Hugh. *Chivalry*, New Haven: Yale UP, 1984.
- LOOMIS, Roger Sherman. “The Heraldry of Hector or Confusion Worse Confounded”, *Speculum*, vol. 42, 1, Jan. 1967, pp. 32-35.
- MEDEIROS, Elton Oliveira Souza de. *O Rei, o Guerreiro e o Herói: Beowulf e sua representação no mundo germânico*, Dissertação para a obtenção da titulação de Mestre em História Social, São Paulo: USP, 2006.

- MURPHY, G. Ronald (trad.). *The Heliand*, Oxford: Oxford University Press, 1992.
- NICHOLSON, Helen. *Medieval Warfare: Theory and Practice of War in Europe 300-1500*, New York: Palgrave/Macmillan, 2004.
- RUSSELL, James C. *The Germanization of Early Medieval Christianity*, Oxford: Oxford UP, 1994.
- SIMON, Marcel & BENOIT, André. *Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*, São Paulo: Edusp/Pioneira, 1989.
- TYERMAN, Christopher. *The Invention of the Crusades*, London: Macmillan, 1998.
- UNTERMAN, Alan. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: Vidas de Santos*, São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- VERBRUGGEN, J. F. *The Art of Warfare in Western Europe During the Middle Ages*, Woodbridge: Boydell, 1998.